

PARA GOSTAR DE LER 29

Nós e os outros

histórias de diferentes culturas

GONÇALVES DIAS • EDSON RODRIGUES DOS PASSOS

ILKA BRUNHILDE LAURITO • GRACILIANO RAMOS

LIMA BARRETO • PAULO COELHO

CAROLINA MARIA DE JESUS • ÍNDIOS TICUNA

PEPETELA • MONTEIRO LOBATO

ALCÂNTARA MACHADO • YANNA HADATTY MORA

Coordenação geral e seleção de textos
Marisa Lajolo

Ilustrações
Alexandre Coelho

Este livro apresenta os mesmos textos ficcionais das edições anteriores.

Nós e os outros: histórias de diferentes culturas

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Carmen Lucia Campos
Colaboração na redação de textos	Malu Rangel
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Luicy Caetano de Oliveira Cátia de Almeida

ARTE	
Criação do projeto original da coleção	Jiro Takahashi
Editora	Suzana Laub
Editor assistente	Antonio Paulos
Editoração eletrônica	Studio 3 Desenvolvimento Editorial Eduardo Rodrigues
Edição eletrônica de imagens	Cesar Wolf

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N78
2.ed.

Nós e os outros: histórias de diferentes culturas / Gonçalves Dias... [et al.] ; coordenação geral e seleção de textos Marisa Lajolo ; [ilustrações de Alexandre Coelho]. - 2.ed. - São Paulo : Ática, 2003.
120p. : il. - (Para Gostar de Ler ; 29)

Contém suplemento de leitura
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-08-08585-9

1. Diferenças culturais - Antologias. 2. Antologias (Conto brasileira). I. Dias, Gonçalves, 1823-1864. II. Lajolo, Marisa, 1944-. III. Título: Histórias de diferentes culturas. IV. Série.

10-5683. CDD: 869.93008
CDU: 821.134.3(81)-3(082)

ISBN 978 85 08 08585-9 (aluno)
ISBN 978 85 08 08584-2 (professor)

2013

2ª edição

8ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br – atendimento@atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário



Sou trezentos, sou trezentos e cinquenta	7
Gonçalves Dias	
Marabá.....	13
Edson Rodrigues dos Passos	
O índio	21
Ilka Brunhilde Laurito	
O mundo novo do novo mundo	27
Graciliano Ramos	
O inferno	35
Lima Barreto	
O homem que sabia javanês	45
Paulo Coelho	
O hóspede estrangeiro	61
Carolina Maria de Jesus	
Quarto de despejo	67
Índios Ticuna	
A festa da moça-nova	73
Pepetela	
Vida nova.....	81
Monteiro Lobato	
O jardineiro Timóteo	89
Alcântara Machado	
A piedosa Teresa	103

Yanna Hadatty Mora	
Addarsu al awalu	113
Referências bibliográficas	119

Sou trezentos, sou trezentos e cinquenta

Marisa Lajolo

No Brasil, vive gente do mundo inteiro. Seu colega da frente pode ser filho de imigrantes coreanos, seu professor de história talvez seja descendente de africanos. E quem sabe aquela sua colega que senta perto da janela não seja de origem judia? Além disso, num país do tamanho do Brasil, numa escola do Amazonas pode haver alunos gaúchos e num colégio carioca, muitos pernambucanos.

É essa pluralidade cultural que o poeta paulistano Mário de Andrade quis louvar no verso que dá nome a este texto. Dizendo que é “muitas pessoas” — trezentas, trezentas e cinquenta —, o poeta nos convida a assumir a riqueza dos diferentes modos de ser brasileiro.

A pluralidade cultural não é um fenômeno moderno, nem exclusivamente brasileiro. Quando diferentes povos entram em contato, influenciam-se reciprocamente e um aprende com o outro: no passado, os povos da Europa aprenderam com os do Oriente o uso da pólvora e hoje o curare, extrato vegetal de largo uso na caça indígena,

é componente de anestésicos da sofisticada indústria farmacêutica.

Nem sempre, no entanto, diferentes culturas convivem de forma harmoniosa. Nossa história registra momentos de violência de uma cultura contra a outra. Os primitivos habitantes da América falavam diferentes idiomas, cultuavam várias divindades e pintavam o corpo — comportamentos que, com a chegada dos portugueses aqui, foram substituídos à força pela língua portuguesa, pela religião católica e pelas roupas europeias. Da mesma forma, os africanos não só foram trazidos para cá à força e submetidos ao trabalho escravo como também tiveram sua língua — o ioruba — substituída pelo português e suas crenças e deuses — os orixás — substituídos pelo cristianismo.

Ainda assim, as várias culturas que se cruzaram no Brasil se enriqueceram mutuamente: italianos, índios, japoneses, árabes, judeus, africanos, alemães, enfim, todas as etnias e nacionalidades que hoje habitam o território brasileiro contribuíram para a formação de nossos comportamentos, nossos valores, nosso modo de ser. Impostas, herdadas ou imigradas, essas culturas todas — ou fragmentos delas — fundem-se no que chamamos de cultura brasileira, cuja identidade reside exatamente na diversidade de seus componentes.

E é disso que este livro trata.

Nas histórias aqui reunidas, culturas diferentes se encontram, e nesse encontro a beleza da diferença entre povos e entre indivíduos se revela. Em *Nós e os outros*, percebemos, por exemplo, como diferentes formas da cultura indígena permaneceram — desde as atitudes preconceituosas (“Marabá”) até o cotidiano da vida na floresta intocada pela cultura ocidental (“A festa da moço-nova”). As histórias também tratam do dia a dia de crianças em diferentes países (“Vida nova”, “O mundo novo do novo mundo”) e nos emocionam com as experiências terríveis geradas pela intolerância cultural e pelo desrespeito ao outro (“Quarto de despejo”, “O jardineiro Timóteo”).

Outros textos de *Nós e os outros* narram situações que ilustram o respeito pela pluralidade cultural. Vão nesse sentido positivo as leis da hospitalidade de “O hóspede estrangeiro” e a história do imigrante (“Addarsu al awalu”) que, ensinando ao netinho sua língua nativa, preserva suas raízes. A festa de São Gonçalo (“A piedosa Teresa”) nos faz mergulhar na convivência fraterna de diferentes formas de cultura.

E a leitura de *Nós e os outros* nos transporta para diferentes culturas, nos tornando, a um só tempo, mais brasileiros e mais universais, porque muito mais humanos!

Gonçaves Dias

Litografia, autor desconhecido/Abril Imagens



Marabá



Gonçalves Dias

Eu vivo sozinha; ninguém me procura!
Acaso feita
Não sou de Tupá?
Se algum dentre os homens de mim não se esconde,
— Tu és, me responde,
— Tu és Marabá!

— Meus olhos são garços, são cor das safiras,
— Têm luz das estrelas, têm meigo brilhar;
— Imitam as nuvens de um céu anilado,
— As cores imitam das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:
“Teus olhos são garços”,
Responde enojado; “mas és Marabá:
“Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,
“Uns olhos fulgentes,
“Bem pretos, retintos, não cor d’anajá!”

— É alvo meu rosto da alvura dos lírios,
— Da cor das areias batidas do mar;
— As aves mais brancas, as conchas mais puras
— Não têm mais alvura, não têm mais brilhar. —

Se ainda me escuta meus agros delírios:
“És alva de lírios”,
Sorrindo responde; “mas és Marabá:

“Quero antes um rosto de jambo corado,
 “Um rosto crestado
“Do sol do deserto, não flor de cajá.”

— Meu colo de leve se encurva engraçado,
— Como hástrea pendente do cactus em flor,
— Mimosa, indolente, resvalo no prado,
— Como um soluçado suspiro de amor! —

“Eu amo a estatura flexível, ligeira,
 “Qual duma palmeira”,
Então me respondem; “tu és Marabá:
“Quero antes o colo da ema orgulhosa,
 “Que pisa vaidosa,
“Que as flóreas campinas governa, onde está.”

— Meus loiros cabelos em ondas se anelam,
— O oiro mais puro não tem seu fulgor;
— As brisas nos bosques de os ver se enamoram,
— De os ver tão formosos como um beija-flor!

Mas eles respondem: “Teus longos cabelos,
 “São loiros, são belos,
“Mas são anelados; tu és Marabá:
“Quero antes cabelos, bem lisos, corridos,
 “Cabelos compridos,
“Não cor d’oiro fino, nem cor d’anajá.”

E as doces palavras que eu tinha cá dentro
 A quem nas direi?
O ramo d’acácia na frente de um homem
 Jamais cingirei:

Jamais um guerreiro da minha arasoia¹
 Me desprenderá:
Eu vivo sozinha, chorando mesquinha,
 Que sou Marabá!

1 Arasoia: saia curta, feita de penas.